

# A advertência do...

por Peter Montagnon  
do Financial Times

(Continuação da 1ª página)

para a poupança e investimentos internos.

"A complacência no combate à inflação é imprudente", diz o estudo, citando o exemplo da Argentina. "A tentativa inicial do governo de reativar a economia argentina resultou em quase nada, em termos de crescimento, contribuiu para a taxa de inflação ultrapassar 1.000% e conduziu à recessão. E o drástico programa de estatização adotado em junho deste ano que promete uma contínua recuperação da expansão econômica em 1986-87."

## PAPEL DO FMI

Sobre o próprio FMI, o estudo observa que os países devedores estão tendo agora de reembolsar fundos emprestados anteriormente. Esses reembolsos subirão para US\$ 6 bilhões no próximo ano e quase US\$ 8 bilhões em 1987, o que significa que poucos devedores têm qualquer incentivo financeiro para pedir nova ajuda do FMI.

O acesso dos devedores a recursos do FMI precisa ser aumentado, sustenta o estudo. Se necessário, o FMI deveria tomar emprestado dos países hoje superavitários, sobretudo o

Japão, para fornecer financiamento adicional. "Somente um FMI que está posicionado a liberar níveis de financiamento expressivos terá a força necessária", diz o estudo.

O Banco Mundial também deveria aumentar seus financiamentos, especialmente através de empréstimos de ajustamento estrutural. Finalmente, é preciso encontrar meios de convencer os bancos comerciais a continuar a conceder empréstimos. Neste ponto uma abordagem inovadora é exigida, incluindo opções por empréstimos em moedas nacionais, projetos co-financiados e maior liberdade dentro dos pacotes de ajuda para os bancos selecionarem os tomadores individuais nos países envolvidos.

DÍVIDA E EXPORTAÇÕES (*)			
	1982	1984	1985
Argentina	406	473	483
Brasil	339	322	368
Chile	333	402	442
Equador	240	260	254
México	299	293	322
Peru	251	330	370
Venezuela	169	177	201
Nigéria	85	165	180
Filipinas	270	312	342
Iugoslávia	167	166	160

(\*) Média da dívida bruta externa no início e final de ano como percentual da exportação de bens e serviço

# A advertência do Morgan

30 SET 1985

GAZETA MERCANTIL

Sinda Externa

por Peter Montagnon  
do Financial Times

Uma nova advertência de que as medidas adotadas desde 1982 para enfrentar a crise da dívida dos países em desenvolvimento foram inadequadas foi feita pelo Morgan Guaranty, o banco norte-americano que esteve envolvido de perto em diversas negociações de reescalonamento de dívida.

Um estudo de autoria de Rimmer de Vries, o principal economista do banco e renomado perito em assuntos econômicos internacionais, diz que, apesar das melhoras iniciais nos seus balanços de pagamentos,

os principais devedores não conseguiram até agora garantir futuro econômico viável a longo prazo.

Os padrões de vida ainda continuam cerca de 10% abaixo dos níveis pré-crise e, como um mau presságio, não houve nenhuma redução do importante índice de dívida total sobre exportações e registrou-se apenas um pequeno declínio na proporção da receita de exportação canalizada aos pagamentos de juros.

Ao contrário do recente relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que foi violentamente crítico do Fundo Monetário Internacional, o Morgan, entretanto, afirma que a única solução é o fortalecimento da atual abordagem de cooperação. Em especial, os próprios países devedores precisam fazer um esforço mais consciente de ajustamento econômico.

O estudo, que será publicado na revista World Financial Markets, do banco, descarta desde o começo a possibilidade de algum plano grandioso de alívio da dívida em uma escala mundial, para não falar de uma decisão drástica unilateral pelos devedores — de não pagar. Isto só adiaria mais suas possibilidades de recuperar o acesso aos créditos comerciais e de capital de investimento, tão necessários.

O estudo diz que cada um dos três principais pontos da solução adotada desde 1982 não atendeu às expectativas. Tudo isso — uma política de restauração da expansão com taxas de juros menores nos países industrializados, ajustamen-

to econômico pelos devedores e esforços do FMI para facilitar fluxos de novos recursos ao mundo em desenvolvimento — precisa ser reforçado agora.

As perspectivas de expansão econômica mundial, comércio e preços de commodities são objeto de preocupação especial. As exportações dos dez maiores devedores (Argentina, Brasil, Chile, Equador, México, Peru, Venezuela, Nigéria, Filipinas e Iugoslávia) declinaram 6% em 1985. O aumento das exportações nos dois anos precedentes dependeu intensamente da economia norte-americana expansiva, que comprou 28% mais dos devedores, enquanto o Japão comprou 20% menos.

Diante da desaceleração da economia norte-americana, portanto, uma primeira prioridade dos países industrializados precisa ser o aproveitamento dos atuais baixos níveis de inflação para estimular o crescimento econômico, ampliando as oportuni-

des de exportação dos devedores.

Os Estados Unidos precisam dedicar-se a obter um corte das taxas de juros reais. "Há pouca justificativa para as taxas de depósito em eurodólar de 8,5% ou rentabilidade de 11% nos papéis de longo prazo do Tesouro", diz o estudo.

De sua parte, os devedores precisam intensificar a luta contra a inflação para criar um ambiente estável

(Continua na página 2)

Jesús Silva Herzog, ministro das Finanças do México, irá reunir-se na próxima semana com os principais bancos credores em Nova York, provavelmente para discutir a concessão de novos créditos para a reconstrução de seu país, abalado por dois terremotos. Silva Herzog também irá ao FMI, que não permitiu ao México sacar US\$ 3,8 bilhões por não ter cumprido as metas de ajuste econômico.

(Ver página 2)